



A IMPORTÂNCIA DO ENSINO EM “PRECIOSA”

Jéssica de F^a Levandowski¹
Dr^a Marly Catarina Soares - Orientadora²

Resumo: *Atualmente a Literatura tem evidenciado alguns crimes, dentre eles estão a pedofilia, incesto e a violência de gênero. A obra “Preciosa”, de Sapphire, aborda todas as questões já mencionadas e, além disso, nos mostra a importância do ensino para a mudança crucial na vida da protagonista. Partindo disso, pretendemos refletir sobre a importância da educação na vida de Precious, de que forma ela aconteceu, quais os fatores determinantes para que a ajudasse a mudar sua trajetória.*

Palavras-chave: Precious. A importância do ensino. O poder da educação.

Introdução

A obra “Preciosa” (2014) de Sapphire é um drama que conta a história de Claireece P. Jones. Uma jovem de 16 anos que resolve contar sobre sua vida. Desde os 3 anos de idade sobre abusos sexuais do próprio pai, também abusos sexuais e violência física da mãe. Relata episódios de bullying e racismo por ser obesa e negra. Sofreu preconceito por ser mãe aos 14 anos, porém, além dela, seu pai e sua mãe, ninguém sabia que o filho era do pai de Precious. Ao iniciar a história, ela está grávida novamente do pai, com medo de seu destino, desmotivada, analfabeta. A escola em que estudava sugeriu que fosse transferida para um projeto diferenciado, após saber da gravidez. A protagonista relutou inicialmente sobre a decisão, mas ao entrar no projeto “Um ensina um” da escola Educação Alternativa, ela se viu diante de uma nova vida. (SAPPHIRE, 2014). Diante desse panorama, buscamos refletir sobre as mudanças que a educação proporcionou a esta personagem.

Objetivos

O principal objetivo deste trabalho é refletir sobre como a educação foi de extrema importância para Precious. De que forma ela atuou na vida da protagonista, promovendo uma mudança crucial em sua história.

Metodologia

Este trabalho utilizou o método qualitativo, tendo como base principal a obra “Preciosa” (2014) de Sapphire. Para embasar as discussões utilizamos teorias que discorressem sobre o feminismo negro, preconceitos e a importância da educação, a partir de leituras de Davis (2016), Hooks (2013) e Scott (1988), dentre outros.

1 Mestranda em Estudos da Linguagem pela UEPG. E-mail: jeh_letras@hotmail.com

2 Professora no curso de Letras e no Mestrado em Estudos da Linguagem pela UEPG. E-mail: marlycs@yahoo.com.br

Resultados/Resultados parciais e discussão

Ansiosa para iniciar, Precious quer começar os estudos já no primeiro dia em que foi buscar as informações sobre o projeto. (SAPPHIRE, 2014, p. 38). Demonstrando interesse e curiosidade e, possivelmente, buscando uma fuga da mãe. A narradora/protagonista da obra se vê como inferior diante das provas, disse que elas passam a impressão de que não tem cérebro. (SAPPHIRE, 2014, p. 41). Também afirma que às vezes se sente “burra demais” (SAPPHIRE, 2014, p. 46). Essa concepção de Precious pode partir de um conceito levantado por Davis (2016), quando afirma que a ideologia dominante, na época da escravidão, acreditava que a população negra era incapaz de “progressos intelectuais”. O que seria um erro, visto que a própria população negra teve interesse por esse progresso. (DAVIS, 2016, p. 109).

Pela primeira vez ela se senta na primeira fila, pois na escola ela era sempre a última, excluindo-se. Relembrando os traumas da infância, ela enfatiza que: “Cara, ninguém faz ideia mas pra mim não é brincadeira estar nessa escola.” (SAPPHIRE, 2014, p. 51), ela enxerga na escola uma possibilidade de aprendizado e crescimento que até então não teve. As mudanças surgem rápido, além do interesse da protagonista em estudar e aprender, as emoções a flor da pele, o convívio com os colegas já se mostra diferente. Durante as apresentações dos integrantes da turma, deveriam dizer seus nomes, onde haviam nascido, sua cor predileta, algo que fizessem bem e por que estavam lá naquela manhã. Precious ficou ansiosa enquanto ouvia as outras colegas, extremamente tímida e calada, não costumava falar em público, na verdade não costumava falar com praticamente ninguém até este momento, como observado no desenvolvimento da narrativa. “Agora todo mundo tá me olhando. No círculo eu vejo todo mundo, todo mundo me vê. Sinto vontade de voltar pro fundo da sala por um segundo, depois penso nunca mais, prefiro me matar antes que isso aconteça.” (SAPPHIRE, 2014, p. 58), Precious demonstra motivação para continuar, ainda que esteja com medo, navegando por mares novos, como ter a atenção das pessoas sem deboche ou desrespeito. Na sequência ocorre um intervalo e mais uma mudança: Precious sai até o saguão com as colegas de turma, socializa, se emociona novamente quando Rhonda se oferece para comprar batata frita: “Não tô acostumada com isso. Mas é isso que eu sempre quis, uma gentileza de amigo.” (SAPPHIRE, 2014, p. 60). A garota, pela primeira vez, conheceu não só a gentileza, mas a solidariedade também. Ao ter o segundo filho, saiu da casa de sua mãe. Sem ter pra onde ir, a professora Blue Rain não mediu esforços para ajudá-la a encontrar uma instituição que a abrigasse com o filho.

Precious se mostra bastante interessada nos estudos agora que faz parte do projeto, como podemos ver em Sapphire (2014, p. 63) quando afirma: “Eu vou treinar. Claro que vou.”, embora tenha dúvidas, dificuldades, ela está determinada a aprender a ler e escrever. Ao fazer uma atividade de leitura individual com a professora, a protagonista fica nervosa, pois não saber ler. Em pânico, ela começa a lembrar do pai, dos seus sonhos, suas fantasias, até que se recompõe e, finalmente, fala o que sempre quis dizer aos seus professores: “Eu... as página são tudo igual pra mim.” (SAPPHIRE, 2014, p. 66). Muitas mudanças, após a Educação Alternativa, são possíveis se observar na protagonista, uma delas está na questão de pertencimento. A adolescente reflete e conclui que “(...) desde que sentei no círculo notei que a minha vida toda, a minha vida toda eu tava fora do círculo. Mamãe me

dando ordem, papai falando pornô comigo, a escola nunca me aprendeu.” (SAPPHIRE, 2014, p. 76). O primeiro círculo em questão, possivelmente, é o que a professora e alunas fazem durante as aulas, rodas de conversa, fazendo com que Precious se sinta parte de um mundo. Como se antes disso ela não pertencesse a nenhum outro grupo, apenas sobrevivesse. Ao lermos que a escola nunca a aprendeu, ficamos surpresos com tamanha potência dessa oração. A escola ensina, mas ela também deve aprender com os alunos, em nosso ponto de vista. Claireece não foi aprendida, compreendida, ela foi tornada invisível.

A protagonista, feliz por estar aprendendo, mentaliza o mesmo desempenho para seu filho, dizendo que “Aposto que meu neném vai saber ler. Aposto o caralho nisso! Aposto que ele não vai ter mãe burra.” (SAPPHIRE, 2014, p. 76). Agora, a Educação Alternativa se mostra um dos lugares preferidos da adolescente, que compara a vista de sua janela com a da escola, de forma simbólica, enxergando na primeira tijolos sujos e na segunda um céu. Podemos interpretar como se em casa o clima fosse mais pesado, sombrio, triste, sujo, medonho, enquanto que na escola, no céu, fosse tranquilo, harmonioso. Aprender o alfabeto e conseguir se comunicar com a professora Blue através dos diários deixou Precious mais autoconfiante, inclusive em seu relacionamento pessoal com a mãe. Ela deixa bem claro à progenitora quais os dias e horários em que irá para a escola, não tendo nenhuma atividade em casa que a impedisse disso. Também afirmou que: “Minha mãe pegou a Monguinha mas ela não vai pegar esse. Sou copetente. Eu fui copetente pro marido dela me come. (...)” (SAPPHIRE, 2014, p. 78). Ao voltar pra casa com o segundo filho recém nascido, Precious é recebida aos gritos pela mãe, que a acusa de ter tirado dela a previdência. Para se defender e proteger Abdul, Preciosa sai, mas antes diz à mãe: “- O crioulo me estropou. Eu não robei merda nenhuma vaca gorda seu marido me ESTRUPOU me ESTRUPOU.” (SAPPHIRE, 2014, p. 88). Pela primeira vez Claireece Precious Jones diz à mãe o que refletiu por muito tempo: que foi abusada sexualmente pelo próprio pai, com o consentimento da mãe e, de uma forma, isto serviu para alertar Mary de que as coisas iriam mudar. Em seguida a esse episódio, ela afirma: “Carl Kenwood Jones é um monstro, NÃO eu!” (SAPPHIRE, 2014, p. 90). Precious se libertou, soltou as correntes que a prendiam à mãe, e mesmo sem ter pra onde ir com o filho recém nascido, iria mudar sua vida a partir daquele instante. Tinha mais objetivos: “Não vou parar de ir pra escola e não vou entregar o Abdul, e um dia vou pegar a Monguinha de volta, talvez.” (SAPPHIRE, 2014, p. 89).

Outro ponto positivo a ser elencado após a entrada de Precious no projeto foi ter coragem para tomar atitudes, pedir ajuda. Após sair da casa da mãe, foi até o hospital e lá pediu a uma enfermeira que a ajudasse, não tinha para onde ir. “Uma coisa de ter ido pra escola e falar na aula é que eu aprendi a falar.” (SAPPHIRE, 2014, p. 90). Sempre foi muito tímida, demonstrava até certo medo das pessoas, devido a tudo que já havia sofrido. Porém, as rodas de conversa junto de seus colegas e da professora Rain, deram a ela segurança para se expressar e, neste caso, pedir ajuda. Diante de todo progresso feito pela protagonista, ela recebeu um Prêmio de Alfabetização, promovido pela prefeitura, no valor de 75 dólares. Mas, mais importante que o valor financeiro, foi o valor pessoal deste prêmio. A jovem passou por muitas dificuldades até chegar neste momento, inclusive se pensou em premiá-la meses antes deste momento, porém, como coincidiu com o nascimento de Abdul, a direção do projeto preferiu esperar para ver se Precious persistiria, e ela persistiu. (SAPPHIRE, 2014, p. 96-97). A jovem revela que achou fácil tudo que vem aprendendo, frações, porcentagens, multiplicações, divisões, e se pergunta o porquê

de não terem a ensinada antes. A importância da linguagem é abordada por Scott (1988, p. 204-205), afirmando que a linguagem é uma forma de socialização, por exemplo, quando Precious percorre o caminho da alfabetização, ao se relacionar com a sua turma no projeto da Escola Alternativa ela aprende a ler e escrever, bem como a socializar, ela passa a dialogar com as pessoas, algo que antes ela não fazia, ou se fez foi de forma subalterna (com a mãe) ou agressiva (com os professores e colegas da antiga escola). Diante do que observamos sobre a relação de Precious com a Professora Blue, encontramos consonância com o que afirma Bell Hooks (2013): “Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo.” (p. 25) O método utilizado pela professora não só auxiliou a protagonista em sua alfabetização, mas também de forma pessoal, a incentivando a resolver seus problemas, mudar de vida e buscar pelos seus sonhos. O poder do ensino deu ferramentas para que as equipes pedagógicas que a acompanharam tomassem decisões equivocadas. Já quando passou a participar do projeto da Escola Alternativa, a educação teve um viés libertador, desde que colocou os pés no espaço físico da nova escola, Precious se sentiu diferente, traçou objetivos, imaginou-se atingindo-os, houve o despertar de uma estudante que jamais se interessou pela escola.

Considerações finais

As considerações ainda são parciais, pois a pesquisa continua. Porém, é possível perceber que a educação teve um papel crucial no desenvolvimento de Precious. Após entrar no projeto “Um ajuda um”, ela pode ser, de fato, alfabetizada, aprendeu a ler e a escrever. Também se desenvolveu socialmente, fazendo amizades. Criou mais responsabilidades, principalmente com relação ao seu filho.

O principal, soltou as amarras que a prendiam a sua mãe, deu um basta nas violências que sofria. Não desistiu de aprender, nem de si mesma, encontrou uma saída para seus problemas, mesmo que isso resultasse em romper os laços com sua família, embora abusiva.

Tudo isso depois do apoio de sua professora e colegas e, principalmente, por ter em mãos o poder da educação, o conhecimento que lhe fez suficiente para alcançar seus objetivos.

Referências

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

SAPPHIRE. **Preciosa**. Tradução Alves Calado. 5ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

SCOTT, J. W. Igualdade Versus Diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. In: **Debate Feminista**. Cidadania e Feminismo. 1988. p. 173- 222.

